

Lição 2: Princípios das mudanças naturais a serem considerados neste Livro.

Suas relações entre si

10. Tendo completado uma introdução, na qual o Filósofo revelou sua intenção, ele agora começa a expor sua proposição. E isso se divide em duas partes: Na primeira, ele reafirma fatos necessários para conhecer os princípios das transmutações a serem tratadas neste Livro, no item 11; Na segunda parte, ele começa a tratá-las (L. 3).

Sobre a primeira, ele faz duas coisas: Primeiro, ele enumera os princípios dessas transmutações e sua diferença uns dos outros, no item 11; Em segundo lugar, ele mostra como eles se relacionam entre si na causação, no item 12.

11. Ele diz, portanto, primeiro [8] que foi previamente determinado tanto no Livro, Sobre os Céus, quanto no Livro, Sobre a Geração, que, entre os outros princípios corpóreos que são princípios de outros corpos, há um que é o princípio daqueles corpos a partir dos quais se constitui a natureza dos corpos movidos circularmente, i.e., das esferas e dos astros. Este princípio, a partir do qual todos esses corpos são formados, ele chama de "quinta essência". Os outros princípios, dos corpos inferiores, são em número de quatro, por causa das qualidades tangíveis primárias, que são os princípios de agir e de ser afetado. Estas são o quente, o frio, o úmido e o seco, das quais há apenas quatro combinações possíveis: pois o quente e seco é o fogo, o quente e úmido é o ar, o frio e úmido é a água, e o frio e seco é a terra (que algo seja quente e frio, ou úmido e seco, é impossível).

Destes quatro corpos, há dois movimentos: um é para cima a partir do meio [centro] do mundo, e este é o movimento das coisas leves, a saber, fogo e ar; o outro é para o meio [centro], e este é o movimento das coisas pesadas, a saber, terra e água. De acordo com isso, os movimentos corpóreos são triplos: a saber, para o meio, para os corpos pesados; a partir do meio, para os corpos leves; e ao redor do meio, para os corpos celestes, que não são nem pesados nem leves.

Contudo, deve-se atentar para as diferenças entre leve e pesado. Pois existe algo que é absolutamente leve, a saber, o fogo, que está acima de todos os outros; existe algo que é absolutamente pesado, a saber, a terra, que está abaixo de todos os outros. Mas os outros dois são, de certa forma, pesados e leves — pois o ar é leve em relação à terra e à água, mas pesado

em relação ao fogo; a água, por outro lado, é leve em relação à terra, mas pesada em relação ao ar e ao fogo. Consequentemente, esses dois são proporcionais aos outros dois que são extremos, isto é, assim como o ar está mais próximo do fogo, a água está mais próxima da terra. Portanto, é evidente que o universo ao redor da terra consiste em quatro corpos. Este é o mundo cujas paixões — que são as várias transmutações encontradas nos elementos — devemos considerar neste Livro.

12. Em seguida [9], ele mostra como os princípios mencionados se relacionam entre si na causalidade. E diz que é necessário que o mundo inferior consista nos quatro elementos, estando assim em continuidade com os "movimentos superiores", i.e., com os corpos movidos circularmente (por "contínuo" ele entende aqui "contíguo", no sentido de que nada existe entre eles). A razão pela qual isso é necessário não é apenas porque nenhum lugar vazio pode existir (logo, os corpos devem ser contíguos aos corpos), mas também porque o fim o exige — o fim sendo que todo o poder do mundo inferior seja governado pelos corpos superiores, e isso não ocorreria, a menos que eles se tocassem — pois um agente corporal deve tocar a coisa sobre a qual age e que é por ele movida.

13. Que o mundo inferior é governado e movido pelos corpos superiores, ele prova com dois argumentos. O primeiro é este: A causa motriz, i.e., o princípio originário do movimento, é necessariamente a causa primeira. (Isso deve ser entendido em sua relação com a causa formal e material. Pois a matéria é afetada pelo agente, que é por natureza anterior ao paciente. A forma também é um efeito do motor, que extrai a matéria da potência ao ato. Mas o fim é anterior ao agente, porque move o agente. No entanto, nem sempre é anterior na ordem da existência, mas [às vezes] apenas na ordem da intenção.) Ora, é evidente que, na esfera das coisas naturais, o corpo celeste é a causa primeira, e isso se prova por sua incorruptibilidade e nobreza. Consequentemente, o corpo celeste, com respeito a esses corpos inferiores, deve ser a causa originária do movimento.

14. Em [10], ele apresenta o segundo argumento, que é este: O movimento do corpo celeste é perpétuo. Isso é aparente a partir da própria disposição do lugar: pois no caso de uma linha reta, chega-se a um fim em ato, a saber, o término da linha, mas no caso de um círculo, não se chega a um fim. Ele diz, portanto, que o movimento circular não tem um fim segundo o lugar. E para que ninguém conclua disso que o movimento circular é imperfeito, pelo mesmo motivo pelo qual um movimento retilíneo é imperfeito antes de atingir seu fim, ele acrescenta que um movimento circular está sempre em um fim — pois qualquer ponto que você designe em um círculo é tanto um começo quanto um fim, e o movimento circular é tão perfeito em qualquer setor quanto um movimento retilíneo é em seu fim. Portanto, é evidente, a partir da própria disposição do lugar, que a perpetuidade é congruente aos movimentos celestes.

Os movimentos dos corpos inferiores, por outro lado, não podem ser perpétuos, porque tais corpos são movidos com movimentos retilíneos, e um movimento retilíneo permanece uno e contínuo apenas na medida da magnitude retilínea ao longo da qual o movimento passa, e um movimento refletido não é contínuo, conforme provado na Física VIII. Portanto, uma vez que todos os corpos inferiores estão a uma distância finita uns dos outros, e nenhum desses corpos é infinito, como foi provado na Física III e em Sobre o Céu I, seus movimentos devem ser finitos e não perpétuos. O que é perpétuo e sempre, consequentemente, é o motor daquelas coisas que não são sempre. Por isso, os elementos inferiores, a saber, o fogo e a terra e os outros que são "sígneos", i.e., congêneros, com eles, ou seja, o ar e a água, e aquelas coisas que são compostas a partir deles,

devem ser considerados as causas das coisas que ocorrem no mundo inferior, "na linha da matéria", i.e., à maneira da causa material, porque é assim que falamos de um sujeito e um paciente sendo causa das coisas. Mas sua causa no sentido de "fonte originária de movimento", i.e., sua causa à maneira de causa motriz, deve ser "sustentada", i.e., considerada, como sendo aquele poder que pertence ao "sempre movido", i.e., aos corpos celestes, que estão sempre em movimento — pois o que está sempre em movimento é comparado ao que não está para sempre em movimento como o agente é comparado ao paciente.

Revision #3

Created 3 October 2026 23:12:41 by Admin

Updated 4 October 2026 18:56:37 by Admin